



RELATÓRIO DE VISITA TÉCNICA

Projeto: Hãmhi - Terra Viva - Mães e pais da Floresta

Proponente: Instituto Opaoká

Local: Bertópolis/MG

Responsável Técnico: Aline Bastos

Nos dias 7 a 10 de agosto de 2023 a equipe do Semente, representada por Paula Grandi e Aline Bastos, realizou visita de vistoria ao projeto: Hãmhi - Terra Viva - Mães e pais da Floresta para verificar as ações que estão sendo realizadas pelo Instituto Opaoká. A viagem foi realizada em conjunto com a equipe de cinegrafia do projeto Lei.A, em expedição para registrar o Hãmhi. Para a realização da visita, inicialmente foi analisado o plano de monitoramento, junto ao cronograma com os meses de execução de cada objetivo/atividade.

O projeto dá início a ações de recuperação ambiental em 4 Terras Indígenas (6.433,91 ha) Tikmũ'ün_Maxakali (ca. de 2500) formando 30 agentes agroflorestais indígenas (AAFI) Tikmũ'ün que implementarão quintais agroflorestais e áreas de recuperação ambiental, produzindo alimentos, conservando e protegendo florestas, formando redes de coletores de sementes, construindo viveiros educativos e fortalecendo práticas comunitárias de educação ambiental e etnodesenvolvimento. Ao final serão implementados 60 ha de Sistemas Agroflorestais e 300 ha de áreas de reflorestamento.





1. Território Indígena Maxakali – entrada por Santa Helena de Minas. Terra degradada.

Primeiro dia

No dia 7 de agosto, a equipe do Semente chegou à Santa Helena de Minas onde se encontrou com o assessor técnico pedagógico Renan, que a guiou até a Terra Indígena Maxakali (imagem 1), gleba de Água Boa, no nordeste de Minas Gerais, chegando às 12h30min. Iniciou-se a visita na Escola do Joviel, local em que estava ocorrendo o primeiro curso introdutório de prevenção contra o fogo, previsto para a manhã e tarde dos dias 7 ao 9 de agosto.



2. Escola do Joviel, Território Indígena Maxakali, gleba de Água Boa.

A Coordenadora Executiva do projeto, Mara Vanessa F Dutra, recepcionou e apresentou as representes do Semente à equipe presente. Além do Renan (engenheiro florestal), estavam também os dois outros assessores técnicos pedagógicos responsáveis pelo território, Leiliane (engenheira florestal) e Guilherme (cientista socioambiental). Esse último está ativo no projeto desde o início, já os demais haviam iniciado há 3 semanas, quando substituíram Janaina e Rodrigo. Estavam também a consultora Paula, dois palestrantes do Instituto Federal de Florestas (IEF), um palestrante do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama) e dois palestrantes da Fundação



Nacional dos Povos Indígenas (Funai), bem como o representante da CIMOS do MPMG, Marcelo Vilarinho.

O almoço, preparado por cozinheiras contratadas com recursos do projeto para servir a todos os participantes e convidados (3).



3. Cozinheiras preparando o almoço na cozinha da escola. À direita podemos ver o estoque da água potável fornecida pelo projeto para todos os participantes do curso.

A coordenadora relatou que, pela manhã, foram realizados cantos de proteção e força para inauguração do curso (4.a), e os participantes (principalmente lideranças Tikmũ'ũn, agentes agroflorestais e viveiristas) foram convidados a falar sobre como era a terra quando ainda havia mata, momento em que os mais velhos contaram o que lembravam e o que aprenderam dos seus ancestrais. Explicou também que todas as falas foram traduzidas pelo Major e pelo Lúcio Flávio Tikmũ'ũn, ambos contratados pelo Hãmhi.

Já na parte da tarde, a equipe assistiu às falas iniciais dos anciãos sobre o fogo e a floresta, em que explanaram um pouco dos seus saberes do seu povo. Às 14h, o IEF realizou uma apresentação sobre a água e o solo (4.b), apresentando um pouco sobre a importância da qualidade do solo para que se tenha água de qualidade em abundância. Durante a palestra, o público foi participativo, bem como a Mara e a consultora Paula.



CURSO INTRODUTÓRIO DE PREVENÇÃO CONTRA OS INCÊNDIOS NA TI MAXAKALI

HÂMHI – IEF – FUNAI - IBAMA – UFMG – UFSB - Escolas Estaduais Indígenas
7 a 9 de agosto 2023 - ÁGUA BOA

07/08 manhã

1. PRÁTICAS DE USO DO FOGO ENTRE OS POVOS TIKMU'UN
(Atividade organizada pelas Escolas Indígenas)

Quando o fogo é importante nas nossas atividades
Como nossas práticas tradicionais de uso do fogo podem ser cuidadas? O que falta?

07/08 tarde

2. CONSERVAÇÃO DE ÁGUA E SOLO
(Atividade organizada pelo IEF)

Quando o fogo destrói as matas | Quando o fogo destrói os bichos
Quando o fogo destrói a terra | O capim e o fogo

08/08 manhã

3. MANEJO E USO DO FOGO
(Atividade organizada pelo IEF e o IBAMA)

Como pode ser controlado o uso do fogo para não haver destruição?
Como fazer aceiros para proteger a mata? | Como fazer aceiros para proteger as plantações?

08/08 tarde

4. APRESENTAÇÃO DE PROJETOS E PROGRAMAS DE COMBATE AOS INCÊNDIOS NAS TERRAS INDÍGENAS
(Atividade organizada pela FUNAI)

09/08 manhã e tarde

5. ATIVIDADES PRÁTICAS DE CONSTRUÇÃO DE ACEIROS
(Atividade organizada pelos/as Assessores/as do Projeto Hãmhi + IEF + FUNAI + IBAMA)

6. AÇÕES DE COMBATE E PREVENÇÃO AOS INCÊNDIOS: PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO E PLACAS
(Atividade organizada pelos/as professores/as Maxakali e a UFMG)

Oficina de placas de combate ao incêndio e tradução de textos
Produção de vídeos com falas de pajés, crianças, professores

Realização



Apoio



4.a Programação do curso.



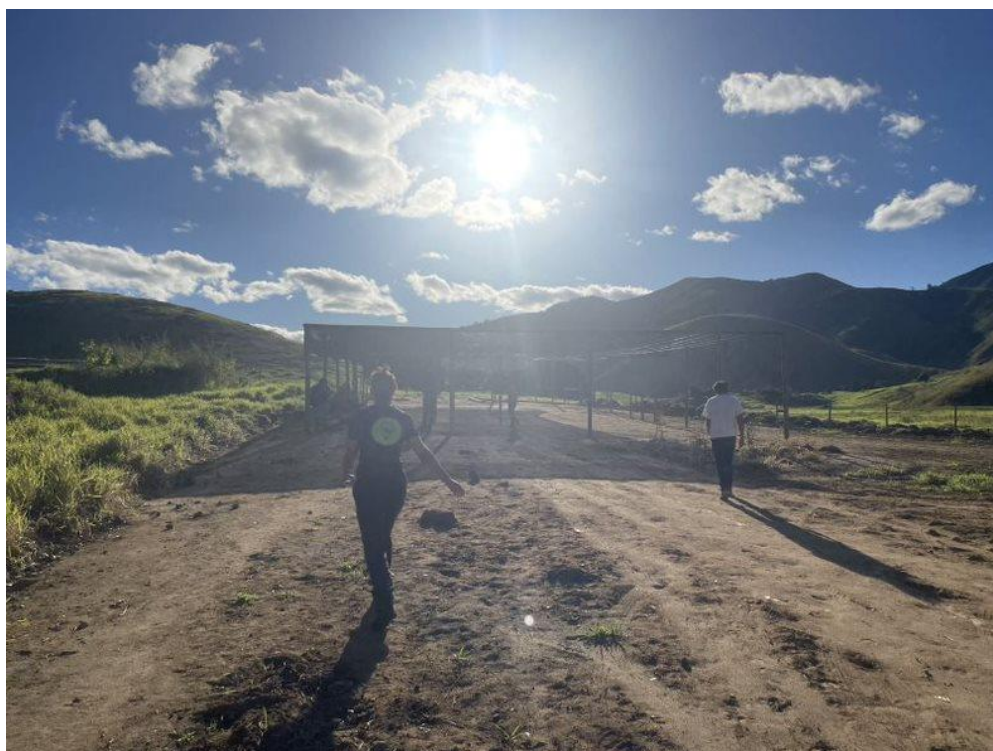
4.b Palestra sobre água e solo, ofertada pelo IEF. De pé, o tradutor Major e o palestrante do IEF.

Às 16:30, houve pausa para lanche, também fornecido pelo projeto. As representantes do Semente se retiraram do curso conhecer o viveiro de Água Boa acompanhados pelos cinegrafistas do Lei.A, pelos assessores técnico-pedagógicos, pelo tradutor Lúcio Flávio, 2 agentes agroflorestais e uma viveirista. A localização de cada viveiro foi definida pelo povo Tikmũ'ün de cada gleba em parceria com os técnicos do Hãhhi. O de Água Boa é um pouco afastado de todas as aldeias, sendo o único acesso por meio de estradas de terra em condições precárias. Considera-se como um risco baixo para o projeto a dificuldade de deslocamento de veículos no período das chuvas. A população local tem costume de se deslocar a pé, mas com ferramentas e materiais de plantio esse trânsito se torna mais custoso. Nesse sentido, a coordenadora Mara informou que pretendem substituir o veículo comum do projeto por veículos traçados em razão das estradas inadequadas para o período chuvoso.



5- Área de entrada do viveiro de Água Boa.

No dia da visita área do viveiro já estava roçada e completamente cercada (5-6). A estrutura estava em construção (7), restando ainda finalizar o sombreamento (6d) e a instalação da bancada (8). A roça foi realizada em mutirão do povo Tikmũ'ün, bem como a construção da estrutura e assim será o tratamento inicial das mudas e o plantio, segundo relatou o tradutor Lúcio Flávio.



6-a Área cercada e roçada do viveiro de Água Boa.



6.b Área roçada vista de debaixo da área coberta do viveiro, olhando no sentido da entrada e pra esquerda. A entrada está à direita. A área verde faz parte da área de plantio.



6.c Vista da lateral do viveiro.



6.d Vista da área descoberta do viveiro e área roçada.



6.e Viveiro visto da área próxima ao rio

Além da estrutura, planejam construir uma casa de apoio para armazenamento de materiais, descanso das viveiristas e preparo de alimentos em cada um dos viveiros.



7.a Área coberta do viveiro de Água Boa em construção.



7.b Área coberta do viveiro de Água Boa em construção.



8. Perfurações para construção da bancada do viveiro de mudas.

O espaço será utilizado inicialmente para 20 mil mudas, mas comporta um número maior, segundo o Guilherme. O projeto pactuou doação de 50 mil mudas com IEF¹ e outras 20 mil com Projeto Arboretum, mas ainda fará a aquisição de 80 mil mudas com os próprios recursos. Considera-se um risco moderado para o projeto a não consumação das doações. O assessor Guilherme informou que até o final do mês está previsto receberem 10 mil mudas e que no final de outubro, durante o curso de agentes agroflorestais, será realizado um primeiro pequeno plantio. Sobre as mudas, disse que as que forem recebidas em tubetes serão transferidas para saquinho e as viveiristas serão as responsáveis pelo cuidado com essas plantas.

Informaram também que a área de plantio maior será depois do viveiro e que estão priorizando os cursos d'água para recuperar e preservar as nascentes e rios, além de facilitar a irrigação (9). Em todo o projeto serão 3 grandes viveiros - um em Água Boa, um em Pradinho e um

¹ Durante a redação deste, o Hãhmi informou que o viveiro do IEF sofreu prejuízo com uma chuva de granizo, comprometendo a doação das mudas, inicialmente 50mil unidades, estando incerta a quantia ainda viável.



em Aldeia Verde – e 30 pequenos viveiros, um perto da aldeia de cada agente agroflorestal, totalizando 33. Esses últimos, somados às casas de ferramentas, facilitarão o trabalho nos quintais agroflorestais dos agentes.



9.a Rio próximo ao viveiro de Água Boa.



9.b Rio próximo ao viveiro de Água Boa.



Após a finalização da análise técnica, os cinegrafistas do LEI.A entrevistaram a viveirista Carmen, um agentes Agro Florestal, e Manoel Kelé (uma das lideranças, profundamente engajado no projeto) assistidos pelo tradutor Lúcio Flávio (10). As representantes do Semente participaram de algumas cenas da filmagem para demonstrar o acompanhamento realizado pela equipe da plataforma.



10.a Cinegrafistas do Lei.a, Felipe e Augusto; Paula do Semente; Manoel Kelé, Lúcio Flávio, Roberto.



10.b Entrevista com a viveirista Carmem.



Segundo dia

No **08 de agosto de 2023**, às 08:10 iniciou-se o segundo dia de visita. O projeto ofereceu café da manhã – pão com margarina e mortadela e café com leite - para todos os que foram participar do curso, incluindo funcionários e representantes de instituições parceiras (11). Próximo das 9:00, os Pajés realizaram a abertura do dia com cantos para fortalecer o Hãhmi.



11- Café da manhã para todos os participantes do curso.



12. Pajés se preparam para o canto. À direita, a coordenadora do projeto, Mara.

Após os cantos, a primeira palestra foi apresentada pelo Instituto Estadual de Florestas (IEF) e trabalhou o uso e manejo seguro do fogo (13). Em complementação, outro instrutor do IEF falou sobre o uso indevido e os riscos de queimadas (14).



13. Palestra ofertada pelo IEF.

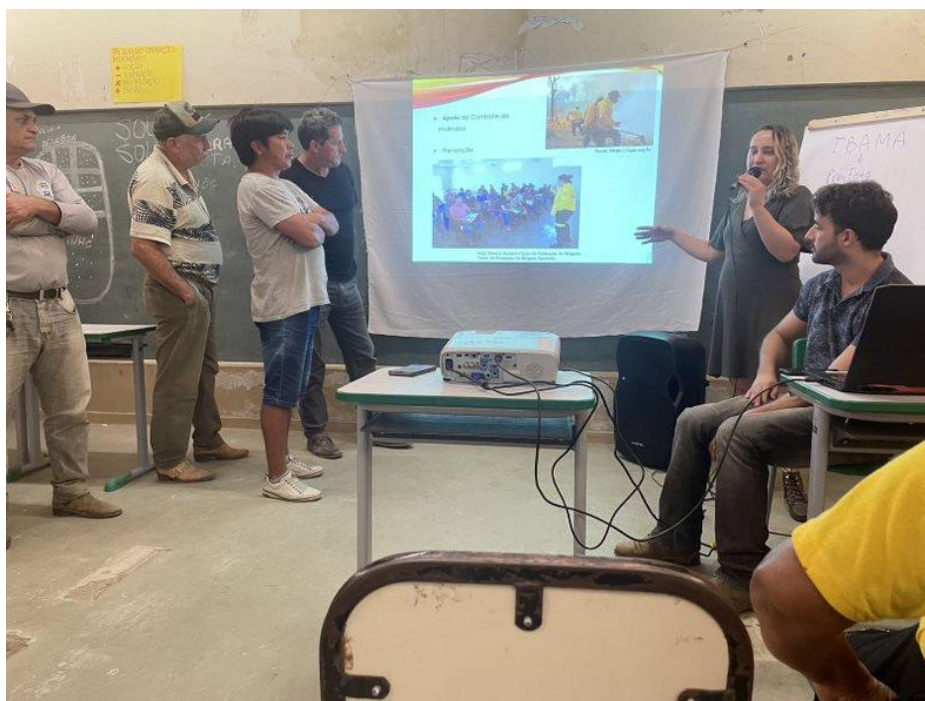


14. Segunda palestra ofertada pelo IEF.

Já na parte da tarde, após a pausa para o almoço coletivo, o representante do Ibama apresentou o trabalho realizado pelo instituto na formação de brigadas indígenas, fundamentais para a contenção de incêndios ambientais (15). Depois, dois representantes da Funai de Teófilo Otoni, juntamente com a equipe que trabalha diretamente com o povo Maxakali, falaram sobre a atuação da Funai também na capacitação de brigadas indígenas. A Leiliane, assessora técnica do Hãhmi, passou a lista de presença do dia e pediu também assinatura pelo dia anterior em que não houve lista.



15. Apresentação do Ibama.



16. Apresentação da Funai.

O Semente precisou novamente se retirar do curso, priorizando conhecer as casas de ferramentas construídas por cada agente agroflorestal. Os assessores Guilherme e Renan levaram a equipe (na caminhonete alugada pelo projeto) em cada aldeia, enquanto Marcelo Vilarinho acompanhava.



semente



17. Paisagem da Terra Indígena Maxakali, gleba de Água Boa.



18. Paisagem da Terra Indígena Maxakali, gleba de Água Boa.



19. O viveiro visto da estrada.

Os assessores técnico-pedagógicos demonstraram ter domínio sobre o Hãmhi, especialmente o Guilherme, que está no projeto desde o início e é conhecido e conhece por nome todos os Tikmũ'ũn bastante envolvidos nas atividades. As casas de ferramentas não estavam inicialmente previstas no Plano de Monitoramento, isto porque a demanda pela construção de locais fechados para armazenamento das ferramentas necessárias para o plantio e cultivo foi uma demanda das mulheres Tikmũ'ũn por uma questão de segurança. A chave de cada casinha ficará sob os cuidados delas.

Todos relataram dificuldades para construir pela dificuldade de acesso à madeira, especialmente de qualidade adequada, um dos problemas que o projeto pretende reduzir com o plantio de árvores para esse propósito. Outro material de difícil acesso é a lona para cobertura do teto.

A primeira aldeia visitada foi a Aldeia do Valdemar e ainda não possuía uma casa iniciada (20). Segundo relataram, o motivo foi a mudança do agente agroflorestal em decorrência de um problema familiar e apenas recentemente seu irmão assumiu a responsabilidade.



20. Aldeia do Valdemar. Ao fundo, área de plantio do quintal agroflorestal.

A segunda casa de ferramentas estava sendo construída pelo agente Renato com o apoio de seus parentes, inclusive do pai Manoel Kelé (21). A equipe da plataforma conheceu tanto o agente agroflorestal quanto seu pai. Observou-se que, devido ao tamanho da construção, estava levando mais tempo para ser concluída, além disso, a madeira foi obtida em local há mais de 2km de distância e carregada nas costas.



21. Casa de ferramentas do Renato, aldeia do Manoel Kelé.

A área destinada para a implementação do quintal agroflorestal do Renato também foi visitada (22). Guilherme relatou que Manoel Kelé realizou alguns testes no terreno para verificar qual método funcionaria melhor para roçar o espaço e prepara-lo para o plantio. Um pequeno trecho foi queimado com esse intuito (22.a).



22.a Início da área do quintal agroflorestal.

22.b Area queimada para teste de roça realizado por Manoel Kelé.

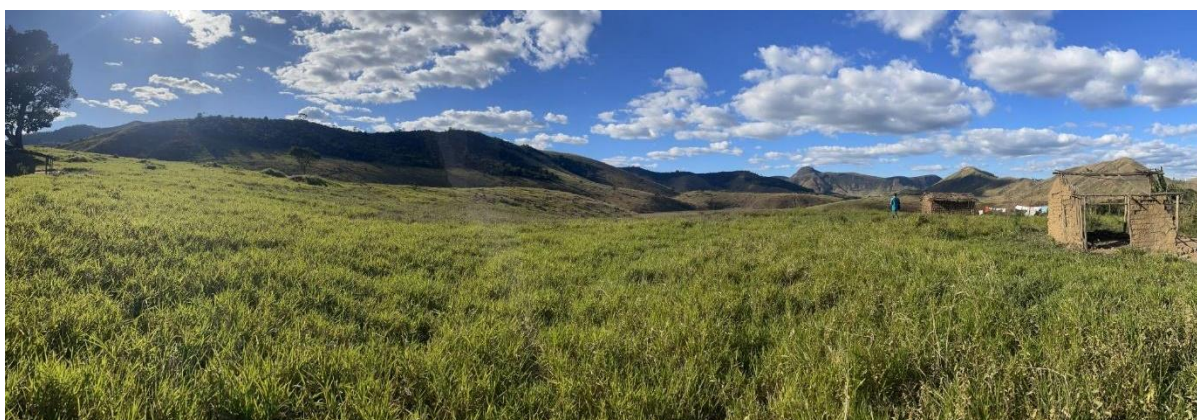


22.b Área do quintal mais ao fundo.

A casa de ferramentas seguinte foi a do agente Felipe, que foi apresentado à equipe, mas fala muito pouco português. Estima-se que a estrutura estava em cerca de 30% de conclusão (23). A área destinada ao plantio está bem próxima da construção (24).



23. Casa de ferramentas do Felipe, Aldeia Jaqueira. Da direita para a esquerda, Paula, Guilherme e Renan.



24. Área designada para o quintal agroflorestal do Felipe.

A casa de ferramentas do Pedro (25), da aldeia da Luizinha, estava em um ponto similar à do Felipe, ainda bastante incompleta. Já ao espaço para seu quintal fica do outro lado da aldeia, razão pela qual a equipe não o visitou.



25. Casa de ferramentas do Pedro, Aldeia da Luzinha, que está ao lado da equipe na foto.



26. Casa de ferramentas do Jussuel em construção na Aldeia do Tarsílio.

A casa de ferramentas da Aldeia do Tarsílio estava bastante incompleta e servindo de armazenamento para algumas cadeiras e mesas da escola (26). A equipe conversou com o senhor Tarsílio que sofreu um acidente com água fervente e estava se recuperando de fortes queimaduras



em ambos os pés.

Na Aldeia da Maria Diva, a construção está concluída, completa com corrente para colocarem cadeado (27). O agente responsável é o Bruno. A área para o quintal é a que circunda a casa de ferramentas.



27.a Casa de ferramentas concluída do Bruno, Aldeia da Maria Diva.



27.b Parte interna da casa de ferramentas. 27.c Parte lateral da casa de ferramentas.



28.a Área do quintal agroflorestral da Aldeia da Maria Diva, lado esquerdo da casa.



28.b Área do quintal agroflorestal da Aldeia da Maria Diva, lado direito da casa.

Após o encerramento da visita às casas de ferramentas, a equipe do Semente acompanhou a filmagem de uma entrevista com uma das lideranças maxacali, Maria Diva (29). No entanto, a gravação foi rapidamente interrompida devido à baixa luminosidade.



29. Acompanhamento da filmagem da entrevista com a Maria Diva.



Terceiro dia

Na manhã do dia 09 de agosto, a equipe da plataforma visitou a aldeia da Maria Diva novamente para as filmagens do Lei.a (30). Na ocasião, Paula e Aline conversaram com Fabinho – estudante da FIEI e filho da Maria Diva – que disse estar feliz com o projeto, que tem acompanhado e considera que vai muito bem.

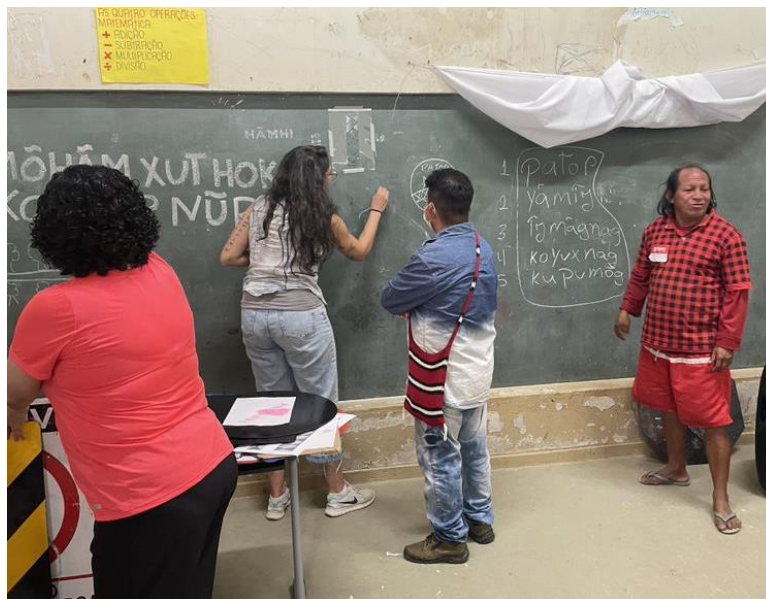


30. Nova gravação de entrevista para o Lei.a.

Em seguida, a equipe acompanhou o início da Oficina de placas de prevenção a incêndios (31), dando continuidade ao curso. A responsável pela oficina, Paula, explicou como deveriam utilizar as tintas e stencils, já o professor Tikmũ'ũn falou sobre os espíritos de proteção relacionados ao fogo. As placas foram doadas pela BH Trans.



31. Oficina de confecção de placas de prevenção a incêndios



31. Oficina de confecção de placas de prevenção a incêndios



31. Oficina de confecção de placas de prevenção a incêndios

Depois, retomou-se a visita às casas de ferramentas. A primeira do dia foi a do agente Cláudio (32), faltando ainda barrear devido ao período sem água. Relatou que foi o único homem a fazer o intercâmbio ao Parque Estadual do Rio Doce e gostou muito da experiência. A segunda foi a do Gilmar (33), uma casa bem maior do que o indicado pela equipe, construída para servir de moradia após o projeto. Visitaram também a construção do Roberto (34), em que faltava apenas a porta. O agente contou que devido à falta de água teve que buscá-la no lago em uma panela. Gilvanio estava fora e, por isso, não apresentou a casa, que tinha apenas o telhado pronto. A casa de Kailan estava bem atrasada devido ao adoecimento e falecimento de seu pai. Já a de Monoel Balbino também foi afetada pelo falecimento.



32. Casa de ferramentas do Cláudio



32.a Área do quintal agroflorestal do Cláudio



32.b Área do quintal agroflorestal do Cláudio



33. Casa de ferramentas do Gilmar



33. Casa de ferramentas do Gilmar



34. Casa de ferramentas do Roberto



34a. Quintal agroflorestal do Roberto



Após o almoço, a programação era de aula teórica e prática no uso das roçadeiras (35) para criação de aceiros. No entanto, por falta de instrução, os agentes não estavam trajados de maneira segura para o manuseio e poucos puderam de fato utilizar a ferramenta. Paula e Aline sugeriram à coordenação do projeto que sempre informassem os trajés adequados para cada atividade com antecedência.



35. Instrução para uso das roçadeiras.



35. Instrução para uso das roçadeiras.



Simultaneamente, ocorreu a continuação da oficina de placas de conscientização (36) e, por fim, foi realizada a cerimônia de entrega dos certificados de participação no curso de prevenção contra os incêndios.



36. Apresentação das placas.

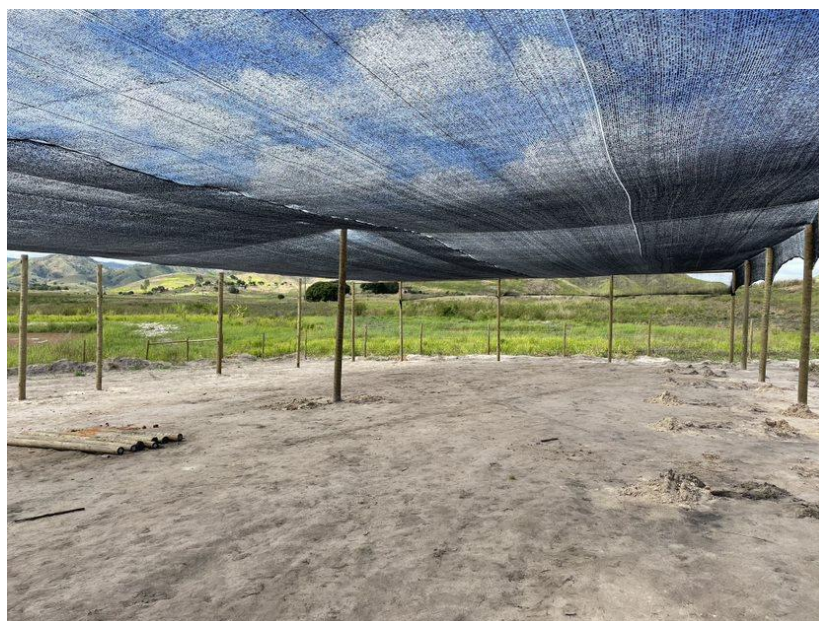
Quarto dia

Na manhã do dia 10 de agosto, houve um momento de solenidades, cantos e apresentação de todas as viveiristas e agentes agroflorestais, além de professores e da equipe da Plataforma Semente e do projeto Lei.a (37).



37. Momento de encerramento do curso

Em seguida, a equipe visitou o viveiro de Água Boa (38). Relataram que todos ajudaram na construção em um pequeno mutirão. Devido ao solo arenoso do local, pretendem plantar bastante para evitar assoreamento dos pontos de água próximos. Resta ainda preparar o sistema de irrigação e as estações de trabalho.



38. Viveiro de Água Boa.



38a. Área ao redor do viveiro.



38b. Área ao redor do viveiro.



38c. Viveiro de Água Boa e filmagem da equipe do Lei.a.



38d. Área ao redor do viveiro.

Após a visita ao viveiro, seguiram-se as visitas às casas de ferramentas. A primeira foi a de Laurindo (39), ainda em estágio inicial devido à dificuldade de conseguir madeira e problemas com álcool. Já plantam algumas coisas na aldeia, mas o solo é bastante arenoso. A segunda foi a de Medó (40), que optou por adaptar um banheiro já existente e construído em alvenaria. O solo do quintal é bastante duro e será necessário maquinário para o plantio.



39a. Casa do Laurindo no início de sua construção.



39b. Área de plantio do agente Laurindo.



39c. Área de plantio do agente Laurindo.



40a. Adaptação do banheiro feita por Medó.



40b. Área de plantio do Medó



40c. Área de plantio do Medó.

A terceira casa visitada foi a do Carlito (41), cuja filha esteve internada com tuberculose, portanto, a construção não teve muito avanço e não foi possível chegar muito perto. A casa de ferramentas de Juscelino (42), em que falta ainda colocar o barro e a lona, foi a seguinte.



41a. Casa de ferramentas do Carlito.



41b. Área de plantio do Carlito.



42a. Casa de ferramentas do Juscelino.



42b. Área de plantio do Juscelino.

Houve uma pausa para o almoço, preparado pelas cozinheiras contratadas pelo projeto (43). Apesar de não ter sido acompanhado pela plataforma, o curso seguiu normalmente pela manhã e tarde.

Após o almoço, foram retomadas as visitas. A quinta casa foi a do Antônio Marcos (44), em que falta madeira horizontal, colocar o barro e colocar a porta. Ainda não havia sido solucionada a problemática da água no local. A sexta casa foi a do Dussolino (45), ainda nas primeiras madeiras. A seguinte foi a do Joalson (46), em que falta apenas a porta.



43. Cozinheiras preparando o almoço para os participantes do curso.



44a. Casa de ferramentas do Antônio Marcos.



44b. Área de plantio do Antônio Marcos.



45a. Casinha de ferramentas do Dussolino



45b. Área de plantio do Dussolino.



46a. Casa de ferramentas do Joalson.



46b. Área de plantio do Joalson.

Já a casa do Valdael (47), estava ainda apenas com as madeiras verticais. Apesar disso, o agente tem plantado muitas mudas. A nona casa foi a do José Antoninho (48), em que falta ainda porta e barro.



47. Casa do Valdael.



47. Área de plantio do Valdael.



48a. Casa de ferramentas do José Antoninho.





48b. Área de plantio do José Antoninho.

Não foi possível visitar a casa do Milton, mas já se encontrava em estado avançado, segundo o assessor Guilherme. Já o agente Vitorino optou por armazenar as ferramentas na escola da aldeia.

Por fim, a equipe retornou ao curso e assistiu o momento de explicação sobre os desenhos elaborados sobre o fogo. A liderança, Manoel Damásio (49), falou sobre os perigos do fogo e o cuidado necessário para que o projeto seja um sucesso.



49. Fala do Monoel Damásio.



50. Equipe do projeto Hãmhi, equipe do IEF, equipe da FUNAI, representante do IBAMA e equipe da Plataforma Semente.

Ao final da visita concluiu-se que o projeto está em andamento e que as atividades estão sendo realizadas conforme o previsto.

Sem mais,

Belo Horizonte, 30 de agosto de 2023.